



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

CLAUDIANE ANTUNES RODRIGUES

**O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO FAZER
DOCENTE**

MACAU-RN
2017

CLAUDIANE ANTUNES RODRIGUES

O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO FAZER
DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso entregue ao
Curso de Pedagogia na Universidade Federal do
Rio Grande do Norte como exigência para
obtenção do título em Pedagogia.

Orientador: Venâncio Freitas De Queiroz Neto

CLAUDIANE ANTUNES RODRIGUES

O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO FAZER
DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso entregue ao
Curso de Pedagogia na Universidade Federal do
Rio Grande do Norte como exigência para
obtenção do título em Pedagogia.

Orientador: Venâncio Freitas De Queiroz Neto.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Ms. Venâncio Freitas De Queiroz Neto.

(Orientador)

Prof^a. Dra. Rouseane da Silva Paula Queiroz.

Prof^a. Dra. Zoraia da Silva Assunção.

O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NO FAZER DOCENTE

¹Claudiane Antunes Rodrigues
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Educação Curso de Pedagogia à Distância

RESUMO

A educação é o principal meio pelo qual qualquer indivíduo adquire conhecimentos específicos referentes a cada nível de aprendizagem, o primeiro contato do ser, no caso da criança com o ambiente escolar esta cada vez, mais precoce. A educação infantil desperta muitos e diferentes olhares, sempre foi objeto de pesquisa de muitos estudiosos. Quando lançamos esse olhar pedagógico para a educação infantil as estratégias e os procedimentos devem ser ainda mais atraentes, dinâmicos e envolventes; assim, todo graduando de pedagogia vislumbra o lúdico como fonte de ensino aprendizagem no fazer docente, contribuindo didaticamente para as partes envolvidas – professor (a) e aluno (a). A autora Dias (2013), afirma que entre as muitas formas de educar e transformar, uma muito importante é a educação lúdica. O presente trabalho tem como o objetivo apresentar o lúdico como ferramenta de ensino e aprendizagem no fazer docente. Será uma pesquisa totalmente documental, ou seja, bibliográfica. A ludicidade sinala como uma ferramenta importante na assimilação de conhecimentos, levando em consideração o momento histórico, social, político e cultural do meio em que vivemos. Sabemos que a ludicidade sempre existiu entre as civilizações, com particularidades e representações referentes à suas épocas, muitas das atividades que hoje descrevemos como sendo lúdicas recebiam outras definições tanto de nomenclatura quanto de significados. Segundo Vygotsky (1998), para entendermos o desenvolvimento da criança, é necessário levar em conta as necessidades dela e os incentivos que são eficazes para colocá-las em ação. Brincar é uma importante forma de comunicação e socialização, é por meio deste ato que a criança pode reproduzir o seu cotidiano e sua maneira de pensar, pois é através do “faz de conta” que ela repassa o seu pensar, sua maneira de ver o mundo. O profissional precisa despertar na criança a criatividade, o entusiasmo, a alegria e observa-las no decorrer do brincar. É necessário que o docente entenda o brincar o jogar da criança, a fim de examinar o universo infantil, para isso é preciso ter um conhecimento teórico e prático, com capacidade de observação e interesse. O professor é uma peça fundamental na educação, no entanto, mesmo que ele seja motivado e criativo, não será suficiente para uma educação de qualidade, é preciso compreender que o professor não é um “super herói”, mas um profissional capacitado academicamente para exercer determinada função”. Após debatermos, descrevermos e refletirmos podemos apontar o lúdico como uma “metodologia” necessária e preciosa no processo de ensino e aprendizagem, ampliando as possibilidades de desenvolvimento intelectual, motor e cognitivo da criança no fazer docente, servindo como instrumento de trabalho e desenvolvimento para o mesmo. O lúdico é uma engrenagem propulsora para uma educação de qualidade que tem a possibilidade de colocar em funcionamento habilidades inata, e desenvolver as habilidades nata de um indivíduo, e nesse processo o docente deve desempenhar o papel de facilitador, mediador, descobrir/aprender que o lúdico nos possibilita. No mais, é preciso entendermos que o lúdico não deve se sobrepor aos conteúdos, ao ensinar do docente nem tão pouco a aprendizagem das crianças (alunos).

Palavras chaves: Docente, Lúdico, Criança.

¹ Claudiane_antunes@yahoo.com

1 INTRODUÇÃO

A educação é o principal meio pelo qual todo e qualquer indivíduo adquire conhecimentos específicos referentes a cada nível de aprendizagem, o primeiro contato do ser, no caso da criança, com o ambiente escolar está cada vez mais precoce, provavelmente isso incide pela posição da nova formatação familiar, especialmente pela posição da mulher contemporânea no mercado de trabalho, posto que antes eram apenas a mulher quem devia ficar em casa por mais tempo e dedicar-se a cuidar dos filhos. Segundo Barros e Rocha (2017), observa-se no campo profissional, um crescimento da ordem de 56% da contribuição feminina na força de trabalho. Assim, a educação inicial da criança, que era delegada apenas a figura materna, passou a ser função também da escola, e por receber as crianças cada vez mais jovens, em média dois anos de idade, os pedagogos empregam atividades lúdicas e dinâmicas em suas atividades diárias, de forma a ensinar conteúdos indicados ao nível e educar sem tornar esse aprendizado uma obrigação para crianças tão pequenas.

A educação infantil desperta muitos e diferentes olhares, sempre foi objeto de pesquisa de muitos estudiosos, como Jean William Fritz Piaget, Lev Semenovitch Vygotsky, Friedrich Froebel, Johann Heinrich Pestalozzi, Johann Friedrich Herbart dentre outros, que até hoje se configuram como alicerces na formação da pedagogia contemporânea, todo pesquisador ou estudante da área educacional recorrem às teorias dos autores acima mencionados, pois eles deixaram um legado rico de ensinamento, cada um com suas particularidades.

O fazer docente é um processo contínuo de conhecimento, a verdadeira arte de ensinar exige do docente ousadia e discernimento, para oferecer aos alunos o que eles precisam, cada uma com suas especificidade. Quando lançamos esse olhar pedagógico para a educação infantil, as estratégias metodológicas precisam ser ainda mais atraentes e envolventes. Assim, todo graduando em pedagogia vislumbra o lúdico (Lúdico, do latim *Ludus*, que dizer jogo) como fonte de ensino-aprendizagem no fazer docente, contribuindo didaticamente para as partes envolvidas professor (a) e aluno (a). A autora Dias (2013), afirma que entre as muitas formas de educar e transformar, uma muito importante é a educação lúdica.

As oportunidades do conhecimento oferecidas às crianças tem papel fundamental no desenvolvimento da sua estruturação motora, cognitiva e social. Neste cenário está inserido a Escola e o Educador, onde ambos trabalham para oferecer a criança um lugar de alegria, de confraternização e de gosto pelo estudo, além de traçar caminhos capazes de transformar a sociedade (DIAS, 2013, p. 3).

Neste sentido faz-se necessário abordar cada vez mais o lúdico dentro das mais diversas perspectivas que a educação infantil permitir. Portanto, o presente trabalho tem como o objetivo geral apresentar o lúdico como ferramenta de ensino e aprendizagem no fazer docente, delineando como objetivos específicos: apontar fatos históricos do lúdico na educação; descrever a importância do brincar na educação infantil debater o lúdico no fazer docente. Para tanto foi feito uso de autores como Dias (2013), Pena e Neves (2013), Santos C.S.(2010), Santos C.A. (2010), Vygotsky (1998), Libâneo (1994), Silva (2015), Bomtempo (1999) Wajskop (2007).

Será uma pesquisa totalmente documental, ou seja, bibliográfica; os autores Cândido, Rodrigues e Silva (2014) fazem uma preposição sobre a colocação da autora Oliveira (2007) a esse respeito, os mesmos descrevem que para a autora a pesquisa bibliográfica “é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico, tais como: livros, periódicos, enciclopédias, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos”. Os autores supra citados ainda relatam que:

A autora Oliveira (2007, p. 69) também enfatiza sobre a pesquisa documental, que para ela, esta “caracteriza-se pela busca de informações em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação (p. 69)” (CÂNDIDO, RODRIGUES e SILVA, 2014, p. 3).

Estudar sobre a arte de ensinar (didática), requer do pesquisador um olhar “universal” e amplo sobre o fazer pedagógico do docente frente à educação infantil, momento em que as crianças estão formando sua identidade e reconhecendo o outro como sendo diferente do eu.

A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros (BRASIL, 1998, p.43).

É importante que esse olhar seja orgânico para somar forças junto às teorias analisadas nos bancos acadêmicos durante a formação profissional de qualquer docente, pois será na prática que verdadeiramente o educador vivenciará a arte de ensinar. E nessa prática (re) criar possibilidades de ensino e aprendizagem eficientes no desenvolvimento intelectual e motor da criança como um ser constituinte de uma sociedade contemporânea.

A escola e o educador atuam em parceria a fim de direcionar as atividades com o intuito de desmontar a brincadeira de uma ideia livre e focar em um aspecto pedagógico, de modo que estimulem a interação social entre as crianças e desenvolva habilidades intelectivas que respaldem o seu percurso na escola. (DIAS, 2013, p. 3).

Nesse processo de criar e/ou recriar possibilidades que enriqueçam o processo de ensino e aprendizagem, o lúdico ganha “super poderes” no imaginário da criança, portanto é preciso que o educador mergulhe nesse universo infantil do “faz de conta” para, assim, trazer a ludicidade com objetivos claros na sua metodologia e que também, seja, estimulante para o aprendizado das crianças.

Neste sentido, aprender de forma lúdica através de jogos e brincadeiras faz com a aprendizagem aconteça de maneira prazerosa, pois a criança além de brincar também está adquirindo conhecimentos. Segundo Vygotsky (1998), para entendermos o desenvolvimento da criança, é necessário levar em conta as necessidades dela e os incentivos que são eficazes para colocá-las em ação. Conhecer o significado do brincar torna-se essencial para que a aprendizagem aconteça de forma significativa, compreender o universo lúdico, por meio do qual a criança se comunica com o mundo ao seu redor, consigo mesma e com um mundo de faz de conta, fazendo com que aceite a existência dos outros, estabeleça relações sociais, construa conhecimentos, desenvolvendo-se integralmente, e ainda, os benefícios que o brincar proporciona no ensino-aprendizagem infantil. Para a autora Wajskop, a brincadeira (lúdico) é uma atividade predominante da infância.

Como atividade dominante na infância, tendo em vista as condições concretas da vida das crianças, a brincadeira pode ser uma das formas pelas quais estas começam a aprender. Pode ser também, o espaço privilegiado onde tem início a formação de seus processos de imaginação ativa e onde elas se apropriam das funções e das normas de comportamentos sociais (WAJSKOP, 2007, p. 67).

Nesse contexto de ensinar, a ludicidade sinala como uma ferramenta importante na assimilação de conhecimentos, levando em consideração o momento histórico, social, político e cultural do meio em que vivemos. Para Libâneo (1994), “cabe à pedagogia intervir nesse processo de assimilação, orientando-o para finalidades sociais e políticas e criando um conjunto de condições metodológicas e organizativas para viabilizá-lo no âmbito da escola”.

Apesar de lúdico ser referente a jogos e brincadeiras, não se pode conceber esse termo apenas como meio de diversão, no âmbito escolar trata-se de uma metodologia que, se bem planejada, é uma das ferramentas mais eficazes para o desenvolvimento inerente de cada

criança, que consegue através de jogos, serem mais expressivas, participando mais ativamente das atividades escolares, executando constantemente uma troca significativa, de ensinar e aprender, à medida que participam. O lúdico oferece aos alunos um ensino de qualidade com criatividade, trazendo pra sala de aula práticas que incentivam e motivam os sujeitos envolvidos nesse processo de desenvolvimento psíquico e motor, para tanto será preciso fazer uso de diversas estratégias como dança, teatro, música, jogos, brincadeiras, aulas ao ar livre, dentre outras que poderão variar conforme a criatividade do educador e feedback das crianças em relação as atividades que forem sendo propostas.

Tendo em vista que é grande a responsabilidade do educador para alcançar a aprendizagem dos educandos, fazendo-se a integração dos conteúdos curriculares propostos com o lúdico (jogos, brinquedos e brincadeiras), mas todos têm o direito de aprender e aprender com prazer o resultado será bem melhor (SANTOS C.A., 2010, p. 2).

Essa prática colocará em evidência a teoria de Vygotsky, em que o sujeito aprende na interação com o outro e com o meio social em que vive. Provavelmente essas práticas despertarão nas crianças sensações e habilidades desconhecidas das mesmas. O lúdico está ao alcance de qualquer educador, basta aliar a criatividade com a necessidade de cada realidade. É válido salientar que não se trata de usar jogos e brincadeiras como uma atividade para preencher tempo de aula mal planejada, devem ser atividades com objetivos preestabelecidos, que disponibilizem aprendizados novos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Recortes históricos do Lúdico na educação

Em épocas antigas, como na Idade Média, os jogos eram atividades restritas aos homens, pois as mulheres e crianças não eram consideradas cidadãos, como também essas atividades desportivas não era vista como lúdico, existe a possibilidade de agregar valores a educação ou na formação do sujeito perante o seu intelecto. “A brincadeira era considerada como recreação e a imagem social da infância não permitia a aceitação de um comportamento infantil espontâneo que pudesse significar algum valor” (SANTOS C.S., 2010, p. 12). É preciso recordamos que na Idade Média as crianças eram tidas como adultos em miniaturas sem direito a diversão.

Para Pena e Neves (2013), a história da humanidade, a partir da Idade Média, demonstra que os jogos, apesar de está continuamente presentes nas atividades sócio educacionais, não eram vistos como um recurso pedagógico capaz de motivar e gerar a aprendizagem eram utilizadas apenas nas atividades recreativas, sem nenhum propósito educacional. Santos C. S. (2010, p.11) se utiliza de Platão (427-348), para fazer uma proposição sobre o lúdico na antiguidade, a saber que:

Na Grécia Antiga, primava para que a educação, nos primeiros anos da criança, se baseasse em jogos educativos praticados em comum por ambos os sexos. Dando ênfase ao esporte por sua colaboração na formação do caráter e da personalidade, bem como introduzia a prática da matemática lúdica, aplicando exercícios com cálculos ligados a problemas concretos extraídos da vida e dos negócios.

Segundo Pena e Neves (2013), apesar de diversas restrições, nos momentos festivos os jogos eram considerados um ferramenta de união e integração entre a comunidade. No Renascimento, a criança ganha nova concepção, bem como os jogos e as brincadeiras que deixam de serem visto como mera distração. “O romantismo inaugurou um período em que a infância vai ser associada à natureza, ao imediato, á inocência e fragilidade da criança garantindo um investimento educacional voltado para a verdade contida no brincar e para a preservação de sua natureza” (WAJSKOP, 2007).

Sabemos que a ludicidade sempre existiu entre as civilizações, com particularidades e representações referentes à suas épocas, muitas das atividades que hoje descrevemos como sendo lúdicas recebiam outras definições, tanto de nomenclatura quanto de significados.

A brincadeira encontra-se presente em diferentes tempos e lugares. Desse modo, cada brincadeira tem um significado no contexto histórico e social que a criança vive. As brincadeiras experienciadas ao longo do tempo também estão vivas na vida das crianças, porém, com diferentes formas de brincar. Nesse sentido, elas são renovadas a partir do poder de recriação e imaginação de cada um (DIAS, 2013, p. 4).

Pena e Neves (2013) também relatam que o lúdico no contexto histórico brasileiro teve origem por meio de raízes folclóricas, vários estudos clássicos apontam que as ascendências brasileiras são provenientes da mistura de três raças, negros, índios e portugueses, decorridos durante o processo de sua colonização. “Ao longo dos anos a educação infantil passou por várias transformações, já que do ponto de vista histórico seu

objetivo inicial era cuidar da criança, ou seja, a assistência com a higiene física e nutricional infantil” (SILVA, 2015, p. 10).

Wajskop (2007) faz uso de alguns escritores para descrever que a partir do século XVI, desenvolveram-se duas representações infantis que estavam na base da educação das crianças índias e mestiças no Brasil: a primeira foi o mito da criança santa e o outro da criança que imita Jesus, cujas brincadeiras serviriam de base para uma educação disciplinar e integradora.

Wajskop (2007) utilizar-se do discurso de Ariés (1981) para relata a posição da igreja, ele diz que, para Ariés (1981), esses jogos, brincadeiras e divertimentos, gradualmente passam a sofrer uma atitude moral contraditória. Por um lado, eram aceitos sem reservas pela grande maioria das pessoas, por outro, eram impedidos e censurados pelos moralistas e pela igreja, que os associavam aos prazeres carnais, ao vício e ao azar. A mesma autora ainda destaca a posição dos jesuítas, descreve que essa atitude de reprovação total modificou-se ao longo dos anos do século XVII, principalmente sob a influência dos jesuítas.

Na época de Brasil colônia o ensino era de responsabilidade dos jesuítas e baseava-se numa espécie de curso elementar que tinha o objetivo de ensinar a ler, escrever e contar, as chamadas primeiras letras, a doutrina católica também fazia parte desse currículo. Se trouxéssemos essa realidade para o sistema atual de educação brasileira esse curriculum representaria a educação infantil. Havia também o curso de humanidades, que era ministrado em latim, com duração de dois anos, compreendia a emenda de gramática, da retórica e das humanidades. A autora Rosário (2004), descreve que “no longo período em que os jesuítas por aqui estiveram, no Brasil, exerceram um destacado papel tanto na educação como na catequese dos índios e dos colonos e na organização burocrática da nascente sociedade brasileira”.

Com a intenção de facilitar a atuação das missões no processo de ensino, foi feita uma troca das línguas grega e hebraica pelo tupi-guarani, língua que era falada pelos nativos do Brasil colônia. “A estrutura e o currículo do ensino jesuítico. Um ensino livresco, humanista ornamental que trazia as marcas da herança “anti - científica“ do Ratio Studiorum. Através dele, a classe dominante adquire um verniz cultural que a distingue dos demais, do povo rude, plebe. (Rosário, 2004)”.

Ainda podemos mencionar outros cursos oferecidos por esse sistema, tais como teologia, com quatro anos de duração atribuindo título de doutor, neste curso os alunos estudavam teologia moral e a teologia especulativa. Outro curso ofertado era o de artes com

duas opções, ciências naturais ou filosofia, com duração de três anos e formava bacharéis e licenciados. No Brasil colônia havia 17 colégios jesuítas, porém nenhuma universidade, e isso tinha um propósito. Rosário (2004), afirma que “apesar da educação estar nas mãos dos religiosos, os colégios eram públicos porque sua atividade era subsidiada pelo Estado. Para manter a dependência da colônia, o Rei de Portugal proibiu a criação de universidades no Brasil”.

É de conhecimento público que a educação brasileira é falha e na maioria das vezes seletiva, seja, por situações políticas, sociais, culturais ou por outras situações excludentes. Apesar de alguns avanços consideráveis nas últimas duas décadas, essas falhas persistem por décadas e são encontradas em todos os níveis do sistema educacional brasileiro seja, na educação básica, fundamental, médio ou superior, fato que limita o desenvolvimento do sistema como um todo.

Somente após aprovação da Constituição Federal de 1988, as escolas infantis foram reconhecidas como espaços pedagógicos, já que a integração entre cuidados e educação passou a constituir a principal função dessas instituições. Assim, a preocupação para além da assistência foi uma determinação legal que culminou na elaboração de diferentes políticas públicas que orientaram as ações curriculares para o desenvolvimento do trabalho educativo das escolas infantis, sobretudo no que diz respeito às atividades com jogos e brincadeiras. (SILVA, 2015, p. 10).

Segundo Santos C. S. (2010) o pensamento pedagógico no Brasil, alcança sua autonomia com desenvolvimento das teorias da Escola Nova, indicadas como o movimento de renovação da educação. Reformas importantes foram concretizadas por intelectuais da década de 20, que incentivaram o debate educacional ascendente até chegar à conquista da LDB 9394/96.

Em 1986 o Brasil começou a se mobilizar, o país queria uma mudança na educação, para isso eram formadas reuniões, associações e várias organizações para resolver esse problema que a sociedade vivia. Através desses movimentos surgiu uma síntese para a Assembleia Nacional Constituinte, ressaltando a importância da criança, bem como o adolescente também. Então em 1988 a Constituição Federal declara uma doutrina relacionada à criança, apontado no artigo 227, tornando “dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade [...]” (CINTRA, PROENÇA e JESUINO, 2010, p. 233).

No Brasil a formulação da lei que rege a educação brasileira teve sua criação em 1996, a LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) é a mais importante base documental na história do nosso país, que passou a orientar e delinear os caminhos que o sistema educacional deve seguir. A LDB/96 estabelece que a educação infantil seja a primeira etapa da educação básica.

Brasil (1998, p. 12) afirma que o trabalho educacional pode criar condições para as crianças conhecerem, descobrirem e ressignificarem novos sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais. “A instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas (BRASIL, 1998, p. 12)”.

O brincar esteve presente em todas as épocas da humanidade, mantendo-se até os dias atuais. Em cada época, conforme o contexto histórico vivido pelos povos e conforme o pensamento estabelecido para tal, sempre foi algo natural, vivido por todos e também utilizado como um instrumento com um caráter educativo para o desenvolvimento do indivíduo (SANT’ANNA, 2011, p. 20).

O lúdico na educação infantil percorre longos caminhos trazendo em sua bagagem diversas influências de teorias, tradições e estudiosos da área. Apesar dos grandes avanços tecnológicos (“brinquedos” eletrônicos) que afastam muitas crianças do brincar e do jogar propriamente dito, o lúdico como um todo continua sendo uma mola propulsora de ensino e aprendizagem no fazer docente e no desenvolvimento cognitivo e psicomotor da criança.

2.2 Brincando também há ensino e aprendizagem

Atualmente é nítido o quanto é importante atividades aplicadas ludicamente no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no desenvolvimento das crianças na educação infantil, pois como já foi relatado, há tempos atrás o ato de brincar era visto apenas como um meio de diversão. Ao brincar e/ou jogar, a criança expressa sua linguagem por meio de gestos e atitudes, as quais estão repletas de significados, visto que ela investe sua afetividade nessa atividade. Por isso a brincadeira e os jogos devem ser encarados como algo sério e de fundamental importância para o desenvolvimento infantil.

O brincar, numa perspectiva sociocultural, define-se por uma maneira que as crianças têm para interpretar e assimilar o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas. Por causa disso, transformou-se no espaço característico da infância para experimentar o mundo do adulto, sem adentrá-lo como partícipe responsável. (WAJSKOP, 2007, p. 66).

Brincar é uma importante forma de comunicação e socialização, é por meio deste ato que a criança pode reproduzir o seu cotidiano e sua maneira de pensar, pois é através do “faz de conta” que ela repassa o seu pensar, sua maneira de ver o mundo. Para que as brincadeiras sejam, de fato, relevantes para a aplicação de conteúdos didáticos, o professor deve planejar como apresentar, de forma a despertar o interesse da criança no que é proposto, jamais colocar a atividade lúdica como obrigação, permitir que cada um decida se quer ou não efetuar as atividades indicadas. Em determinados momentos o professor pode oportunizar as crianças que elas mesmas decidam a brincadeira, que estipulem regras novas para jogos já existentes, isso poderá ser um incentivo a criatividade e desenvolvimento pessoal.

Nenhuma criança brinca só para passar o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendermos (GARDNEI *apud* FERREIRA; MISSE; BONADIO, 2004).

O ato de brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança, pois facilita a construção da reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo desta forma, uma relação estreita entre jogo e aprendizagem. O brincar é uma atividade natural, espontânea e necessária, através do lúdico a criança constrói seu próprio mundo, dá evolução aos pensamentos, colaborando no aspecto social, integrando-se na sociedade. No entanto ela deve ser estimulada a jogar e não obrigada; cada criança em particularidades até mesmo quando se trata de brincar, ou seja, existem jogos que não a estimula, enquanto outros podem ser atrativos, por isso é necessário que haja diversidade nas atividades propostas e respeito a criança.

O ato de brincar é parte integrante da vida do ser humano, e tem sua história marcada desde a vida intrauterina. O primeiro brinquedo da criança é o cordão umbilical da mãe, onde, a partir da 17ª semana, através de toques, apertos, puxões, o bebê começa a criar uma relação dessa ordem (DIAS, 2013, p. 5).

Segundo Melo e Valle (2005), é por meio do brinquedo e de sua ação lúdica que a criança expressa sua realidade, ordenando e desordenando, construindo e desconstruindo um mundo que lhe seja significativo e que corresponda às necessidades intrínsecas para seu

desenvolvimento global. Visando à ludicidade como caminho para a aprendizagem e a construção do conhecimento através de jogos e brincadeiras.

O repertório lúdico da criança é muito vasto. Além das brincadeiras cantadas, percebe-se que os jogos ocupam o primeiro lugar nas preferências infantis pelo seu conteúdo, são um estímulo constante à competição e a superação de habilidades. O jogo e as brincadeiras são mais do que um simples divertimento, são elementos importantes no processo ensino e aprendizagem na alfabetização, em que a criança tem de aprender a jogar com as outras crianças e não contra (SANTOS C. S., 2010, p. 21).

A ação de brincar e de jogar possibilita o desenvolvimento, posto que não se trata somente de um instrumento didático facilitador para o aprendizado, claramente os jogos e as brincadeiras influenciam em áreas do desenvolvimento infantil como: psicomotoras, sociais, físicas, afetivas e cognitivas. Ao brincar as crianças expõem seus sentimentos, aprendem, constroem, exploram, pensam, sentem, reinventam e se movimentam. Para Cintra, Proença e Jesuíno, (2010, p. 235) “o jogo com regras oferece ao educando a socialização, a expressão do prazer, a forma natural de trabalho, além de ser uma preparação para a vida”. Desse modo, o brincar e o jogar contribui para a criança exteriorizar seu potencial criativo.

É preciso compreendermos o significado do “jogar” na concepção da criança, que na maioria das vezes é brincar; na infância o jogar tem sinônimo de diversão e não de competição, provavelmente por isso aprender a respeitar regras não seja tão difícil e externar suas habilidades seja apenas consequência do ato de jogar. Santos C. A. (2010) se utiliza de Friedman (1996) para fazer uma proposição sobre os jogos no lúdico, a saber: “os jogos lúdicos permitem uma situação educativa cooperativa e interacional, ou seja, quando alguém está jogando está executando regras do jogo e ao mesmo tempo, desenvolvendo ações de cooperação e interação que estimulam a convivência em grupo”.

Os jogos lúdicos oferecem condições do educando vivenciar situações-problemas, a partir do desenvolvimento de jogos planejados e livres que permitam à criança uma vivência no tocante às experiências com a lógica e o raciocínio e permitindo atividades físicas e mentais que favorecem a sociabilidade e estimulando as reações afetivas, cognitivas, sociais, morais, culturais e linguísticas (SANTOS C. A., 2010, p. 3).

Portanto, é necessário conscientizar os pais, educadores, escolas, governantes e sociedade em geral sobre a ludicidade, e que a mesma deve estar sendo vivenciada na infância, ou seja, de que o brincar, o jogar ou qualquer outra atividade que venha se

configurar como lúdico, faz parte de uma aprendizagem prazerosa não sendo somente lazer, mas sim, um meio de aprendizagem.

É importante perceber e incentivar a capacidade criativa das crianças na hora da brincadeira, pois a mesma se constitui numa das formas de relacionamento e recriação do mundo, em sua perspectiva da lógica. “a brincadeira infantil constitui-se numa atividade em que as crianças, sozinhas ou em grupo, procuram compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem cotidianamente” (WAJSKOP, 2007).

3 A IMPORTÂNCIA DO JOGO, DO BRINQUEDO E DA BRINCADEIRA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Sabe-se que a brincadeira é uma atividade necessária na vida da criança, no momento em que brinca ela repete atitudes que prevalecem no meio em que vive, o que ajuda a integrar-se na sociedade, assim é possível entender que brincando elas aprendem coisas que ninguém pode ensinar, e para que isso realmente aconteça, é preciso que lhe sejam apresentadas oportunidades que as possibilite participar de diferentes jogos e brincadeiras. A esse respeito Cunha (2001, p. 28) afirma que, “o brinquedo proporciona o aprender, fazendo e brincando”. O brinquedo auxilia a criança em suas brincadeiras, ao manipulá-los ela faz descobertas, entra em um mundo imaginário, mas que contribui para o amadurecimento intelectual. De acordo com BRASIL (1998, p. 23):

Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também tornam-se autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em práticas suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata. BRASIL (1998, p. 23)

Ao dedicar-se à brincadeira, a criança inventa um mundo particular e desfruta do sentimento de liberdade, vivendo o “ser criança” de forma mais verdadeira, pois para a criança em idade de iniciação educacional escolar, o ato de brincar não é apenas uma forma de entretenimento, mas também uma atividade à qual se dedica intensamente, quando lhe é apresentada a significação de suas atividades lúdicas.

3.1 A brincadeira como instrumento de desenvolvimento

A brincadeira não deve ser vista apenas como uma ação para passar tempo, mas como uma maneira simples que incentiva a socialização infantil, e por isso é uma atividade que deve ser incentivada pelos adultos que as cercam, pois quando um adulto não estimula a brincadeira da criança, impede que ela seja beneficiada de um excelente meio de aprendizado. Dessa forma, se a criança demonstra melhor aprendizado por meio da ludicidade, o ato de brincar deve estar conectado com as aulas, frente a Fortuna (2000, p. 4) diz que: “Defender o brincar na escola, por outro lado, não significa negligenciar a responsabilidade sobre o ensino, a aprendizagem e o desenvolvimento”. Isso significa dizer que através da ação do brincar o professor tem melhores condições de ajudar seus alunos no processo educativo, tornando a aprendizagem eficaz e divertida.

Para a boa aplicação da ludicidade como instrumento de ensino-aprendizagem, é preciso uma organização estrutural, além de planejamento didático, como por exemplo: espaço adequado, materiais diversos que possam ser utilizados pelas crianças, seja uso direcionado pelo professor ou livre (deixando os jogos à escolha das crianças). É preciso observar o jogo como contribuinte para melhorar as aptidões que cada criança já tem, posto que é fundamental valorizar os conhecimentos intrínsecos de cada um.

O jogo é considerado importante no desenvolvimento da criança, porque através dele, elas podem construir seu mundo em particular, o que lhes dispõe melhores probabilidades no desenvolvimento da linguagem, no físico-motor e moral. Assim como Friedmann (1996), Ribeiro (1997, p. 9) destaca a importância do lúdico na educação infantil como meio de aprimorar o desenvolvimento:

A Educação Lúdica, de maneira espontânea e agradável, coloca a criança em situação de ser guiada em seus impulsos instintivos. Encorajar, orientar e desenvolver as manifestações instintivas da criança é auxiliar o desenvolvimento oportuno de sua inteligência, apurar suas emoções, fortalecer sua vontade, sua individualidade e sua sociabilidade.

As brincadeiras na fase infantil são mais que um meio facilitador de aprendizagem, é antes disso uma necessidade da criança, que se diverte ao correr, pular, escalar etc., que são atividades naturais do ser humano. Frente aos desejos de desenvolvimento infantil a partir dos jogos e brincadeiras é importante que haja incentivo dos mediadores do desenvolvimento criança, sejam pais ou professores; Ribeiro (1997, p. 10) diz que: “Os jogos fazem parte das atividades sociais e atendem às necessidades de socialização do ser humano.”.

3.2 O lúdico no fazer docente

Para que a brincadeira possa ser observada como um instrumento significativo na construção do conhecimento infantil e conseqüentemente contribuir com seu desenvolvimento, é preciso que haja uma dedicação do professor, que deve ser organizado e dedicado, pois trabalhar com o desenvolvimento infantil requer mais que didáticas aprendidas em leituras. Segundo Friedmann (2012, p. 46):

O educador pode, a partir da observação das atividades lúdicas, obter um diagnóstico do comportamento geral do grupo e do comportamento individual de seus alunos; descobrir em qual estágio de desenvolvimento se encontram as crianças; conhecer os valores, as ideias, os interesses e as necessidades de cada grupo, seus conflitos, problemas e potenciais. (FRIEDMANN, 2012, p. 46):

Por isso é importante que o professor trabalhe com a ludicidade em suas salas de aula, pois nada pode ser feito se os professores forem contra a aplicabilidade dos jogos e brincadeiras junto à educação, posto que é ele o principal elo entre o ensino e a aprendizagem.

O professor precisa ser criativo e entusiasmado quando planeja suas aulas, é importante criatividade e empenho para a aplicação daquilo que planejou, mas, mais do que buscar medidas que possam facilitar o ensino de conteúdos básicos do grau de ensino da criança; nessa fase escolar, o professor contribuiu fortemente com a formação cidadã social das crianças, esse ponto de vista torna ainda mais relevante compreender as diferentes maneiras de brincar das crianças. Para que o educador esteja capacitado a examinar o universo infantil é preciso que ele tenha algum conhecimento teórico e prático, além de capacidade de observação. Sobre isso, BRASIL (1998, p.43) diz o seguinte:

A ação do professor de educação infantil, como mediador das relações entre as crianças e os diversos universos sociais nos quais elas interagem, possibilita a criação de condições para que elas possam, gradativamente, desenvolver capacidades ligadas à tomada de decisões, à construção de regras, à cooperação, à solidariedade, ao diálogo, ao respeito a si mesmas e ao outro, assim como desenvolver sentimentos de justiça e ações de cuidado para consigo e para com os outros. BRASIL (1998, p.43)

Durante o desenvolvimento da brincadeira, as crianças, por meio de suas ações demonstram alguns dos possíveis problemas que têm, e pela observação, o professor é capaz de diagnosticar e assim intervir da melhor maneira possível. Portanto, o educador é detentor de um importante papel, o de facilitador, suas atribuições durante a brincadeira variam, vai de orientar e dirigir as atividades lúdicas até colocar as crianças como responsáveis de algumas brincadeiras.

Se o brincar é um facilitador na aprendizagem, então, é preciso que o professor trabalhe de forma lúdica, pois nada será feito se os professores não se interessarem por essa forma de ensino.

O educador deve oferecer formas didáticas diferenciadas, como atividades lúdicas para que a criança sinta o desejo de pensar. Isto significa que ela pode não apresentar predisposição para gostar de uma disciplina e por isso não se interessa por ela. Daí, a necessidade de programar atividades lúdicas na escola (SANTOS C. S., 2010, p. 4).

O profissional precisa despertar na criança a criatividade, o entusiasmo, a alegria e observá-las no decorrer da brincadeira. É necessário que o docente entenda o brincar e o jogar da criança, intuindo que o mesmo examine o universo infantil, para isso é preciso ter um conhecimento teórico e prático, com capacidade de observação e interesse.

A profissional, atenta, poderá interferir na ampliação de possibilidades de usos dos materiais e dos espaços pelas crianças, assim como tornar fácil o acesso aos diferentes conhecimentos, mediante a utilização de livros, filmes, televisão, passeios e tudo aquilo que ela for capaz de criar (WAJSKOP, 2007, p 68).

Segundo a autora acima mencionada, a brincadeira poderá apresentar-se como ambiente propício para diagnosticar os interesses e necessidades infantis, transformando-se assim em um espaço de experiência, consolidação de conhecimento e afetos, por meio das interações entre crianças e adultos, permitindo a criação de um vínculo com o trabalho nas diversas áreas do conhecimento.

Por tanto podemos acreditar que através da observação do lúdico, o docente pode obter importantes informações sobre o brincar e o jogar, e pode (re) definir critérios como: quais brincadeiras ou jogos chamaram mais a atenção das crianças e como essas podem ser mais bem aproveitadas no processo de ensino e aprendizagem, buscando sempre despertar a criatividade, autonomia, iniciativa e criticidade, é possível também observar quais as linguagens utilizadas pelos envolvidos, se possuem interesse, motivação, afetividade, emoções e satisfação pelo brincar ou jogar, se demonstram colaboração, competitividade, interação, construção de raciocínio, argumentação e opinião. “No decorrer do brincar, através das ações das crianças, possivelmente o docente possa diagnosticar problemas como valores morais, conflitos emocionais e cognitivos, e de comportamento nos diferentes ambientes, identificando ideias e interesses” (AYRES e RIVEIRO, 2017, p. 4).

Por se tratar de atividades prazerosas, o lúdico não está pautado numa postura de educador que deixa a criança brincar apenas para passar o tempo, sem nenhum objetivo. Ao contrário, o lúdico é um recurso pedagógico que envolve a brincadeira de maneira séria, pois deve ser visto como um fator de aprendizagem significativa para o educando, possibilitando o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social (CINTRA, PROENÇA e JESUINO, 2010, p. 226).

Assim, cabe ao docente determinar o real valor do lúdico no seu fazer docente, é importante que o mesmo não se torne refém do brincar ou do jogar e que os conteúdos não se percam em meio a tantas “brincadeiras” fazendo com que a aprendizagem não aconteça. Toda proposta de atividade lúdica deve preceder de objetivos claros e bem definidos. O brincar por brincar na educação não contribuirá em nada para o desenvolvimento intelectual da criança.

Muitas vezes, no contexto educacional, o brincar é considerado como um estorvo no processo de aprendizagem. Educadores não admitem que as crianças brinquem no ambiente educativo, ignorando brincadeiras ou até mesmo proibindo tais atividades. O brincar, assim, é concebido como uma atividade recreativa que permite que as crianças relaxem, descansem, e liberem suas energias contidas na sala de aula. É o momento da diversão em oposição ao trabalho escolar, á seriedade dos exercícios e das aprendizagens sistematizada pelo educador (SANTOS C.S., 2010 p. 14).

A educação descrita como tradicional ainda existe e persiste no meio educacional, provavelmente por ser a “mais” fácil de executar, porém, muito pouca atraente, isso não significa dizer que não há ensino e aprendizagem por outros métodos que não contemplem o lúdico no mundo infantil. Neste sentido é importante apontarmos o pensamento de Froebel, em que o mesmo descrevia as crianças como sendo flores (plantas) e que, portanto precisavam ser regadas, para desabrocharem (a partir desse pensamento tem-se o nome jardim de infância), “[...] de acordo com Froebel, as professoras eram consideradas jardineiras e responsáveis por orientar as atividades das crianças” (SILVA, 2015, p. 44). Certamente não será por uma educação bancária como dizia Paulo Freire que esse desabrochar acontecerá.

O alicerce para a aquisição da linguagem infantil deve ocorrer por meio da mediação do adulto, pois a criança tem sua primeira forma de falar por meio dos gestos que vem acompanhada de movimentos faciais e posteriormente pela verbalização de palavras. Por isso a relevância da brincadeira neste processo (SILVA, 2015, p. 34).

Entende-se assim que o professor tem o papel de facilitador, ora guia e dirige as atividades lúdicas, ora coloca as crianças como responsáveis de suas próprias brincadeiras. É importante que o responsável organize e estruture o espaço de forma a estimular e despertar

na criança a vontade de brincar, de competir e cooperar, pois em relação ao brincar o que é mais importante é a participação, e, aliando a teoria e prática acontece a valorização do conhecimento. “Os professores devem começar a ver a criança pequena como um ser que necessita de novas informações através de experiências concretas, vendo a si mesmos como facilitadores” (BOMTEMPO, 1999, p. 3).

É importante que o educador determine certa “área livre” onde as crianças possam mexer, montar, fazer e criar, dando certo tempo para que a criatividade e imaginação aconteçam. O professor quem vai mediar as relações, favorecer as trocas e parcerias, promover a interação, planejar e organizar ambientes instigantes para que o brincar possa se desenvolver (BRASIL, 2005 *apud* AYRES e RIVEIRO, 2017, p. 5).

As autoras acima mencionadas se utilizam do RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil), BRASIL (1998), para descrever que o adulto pode auxiliar na distribuição das funções, mas o interessante é que as crianças adquiram progressiva autonomia. “No que diz respeito às interações sociais, ressalta-se que a diversidade de parceiros e experiências potencializa o desenvolvimento infantil” (BRASIL, 2006, p. 14).

A intervenção do professor não deve tolher a imaginação criativa da criança, mas orientá-la, deixando que a brincadeira espontânea surja na situação de aprendizagem, pois é através dela que a criança se prepara para a vida em seus próprios termos. Respeitando o jogo, o educador poderá desenvolver novas habilidades no repertório de seus alunos. (BOMTEMPO, 1999, p. 4).

Segundo BRASIL (2006), crianças expostas a uma diversa gama de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que vivenciem situações coletivas de qualidade. Essa afirmativa é considerada adequada para todas as crianças, independentemente de sua origem social, pertinência étnico-racial, credo político ou religioso, desde que nascem.

Bomtempo (1999) descreve que a introdução de brinquedos e brincadeiras no currículo escolar requer espaço e materiais, estímulo à interação entre as crianças e compreensão por parte dos professores das diferentes formas de brincar, relevantes para cada criança em determinado momento. Sabemos que brincando, a criança inconscientemente projeta-se como futuros adultos, ampliando a possibilidade de desenvolver sua linguagem e entendimento de representações simbólicas. “A intenção de aliar uma concepção de criança à qualidade dos serviços educacionais a ela oferecidos implica atribuir um papel específico à

pedagogia desenvolvida nas instituições pelos profissionais de Educação Infantil” (BRASIL, 2006, 15).

Nessa perspectiva do ensinar através do lúdico, o educador brasileiro precisa ter clara consciência das limitações que o sistema educacional brasileiro apresenta no que diz respeito às condições de trabalho, tanto na sua estrutura física quanto material, e especialmente as dificuldades presente em “sua” escola, ou seja, no seu ambiente de trabalho, pois essas limitações irão sem dúvida interferir no seu fazer docente e conseqüentemente influenciará o resultado final do processo de ensino e aprendizagem.

A estrutura escolar é determinante para um bom funcionamento de uma escola, pois sem uma boa estrutura, não se pode esperar um bom funcionamento, e mesmo que venha a se ter o bom funcionamento a organização da estrutura escolar implicará na qualidade da educação (SILVA *et al*, 2014, p. 3).

Ou seja, apenas um professor cheio de motivação, ideias, criatividade não será suficiente para uma educação de qualidade, devemos compreender e aceitar que o professor não é um “super herói”, mas um profissional capacitado academicamente para exercer uma função determinada e não um “salvador da pátria”.

Sabemos que é de responsabilidade dos governantes brasileiros ofertar educação básica de qualidade para todas as crianças em idade escolar, como também condições de trabalhos para os profissionais da educação, haja visto que todos os cidadãos brasileiros pagam altos impostos para serem investidos em segurança, saúde e educação, entre outras necessidades humanas, porém nem todas as instituições de ensino podem conta com esse “direito”, seja por situações municipais, estaduais ou nacionais.

A Constituição de 1988 estabeleceu ser de nível “obrigatório e gratuito” o ensino fundamental, com prioridades para a distribuição dos recursos. Estabeleceu também responsabilidade para os estados, Distrito Federal e Municípios, para criar mecanismos de financiamento do ensino. Com esse objetivo, em dezembro de 2006 foi regulamentado o Fundef pela Lei nº 9.424 (BARROS e MOREIRA, 2012, p, 198).

Perante esta realidade o docente precisar ser duas vezes mais criativos, pois ao planejar suas atividades educacionais deverá considerar tais limitações, muitas vezes o próprio educador constrói artesanalmente (a partir de materiais recicláveis e reaproveitáveis) seus materiais didáticos (lúdico), é preciso destacar que algumas produções são realizadas em sala de aula com a participação ativa dos alunos (crianças).

No mais é preciso entender que o lúdico não deve se sobrepor aos conteúdos obrigatórios no currículo escolar, ao ensinar do docente nem tão pouco a aprendizagem das crianças (alunos). São ações que devem ser postas de consciente e organizada, fazendo com que o currículo seja posto em prática por meio de metodologias adequadas a cada ano/série, entendendo que o lúdico é a maneira mais simples de conseguir fazer com que a criança desenvolva-se de maneira mais completa, em relação aos conteúdos didáticos obrigatórios e, enquanto cidadão social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho fez uma breve reflexão histórica sobre o ludicidade na educação infantil, retratando o lúdico como objeto de pesquisa de vários estudiosos da área, descrevendo sua importância na educação infantil como também debatendo sua influência no processo de ensino e aprendizagem, tanto no viés do ensinar professor quanto no de aprender. Para tanto fizemos uso de diversos estudiosos da área, que abordam este tema com diferentes olhares.

Após debatermos, descrevermos e refletirmos, podemos apontar o lúdico como uma “metodologia” necessária e preciosa no processo de ensino e aprendizagem, capaz de ampliar as possibilidades de desenvolvimento intelectual, motor e cognitivo da criança, bem como no fazer docente, servindo como instrumento de trabalho e desenvolvimento para o mesmo.

Mediante as leituras feitas para a construção deste trabalho, pode-se perceber o elevado grau de importância da implementação de metodologias inovadoras na sala de aula da Educação Infantil, salientando que todos os professores precisam estar em contínuo processo de aprimoramento, pois as inovações tecnológicas são constantes e requer melhor preparação por parte dos professores.

Assim, pode-se entender que a ludicidade deve ser estimulada pelo educador, este deve observar e compreender a criança como um ser em constante movimento, descobridor, interativo; portanto, deve promover atividades lúdicas direcionadas ou livres, posto que ambas contribuam com o desenvolvimento da aprendizagem. Ainda há educadores que negligenciam as atividades lúdicas, deixando que aconteçam somente quando sobra tempo de alguma atividade didática, e, sem as devidas observações, sendo assim brincadeiras sem objetivos reais. A melhor maneira de aplicar a brincadeira e o jogo em sala de aula é unindo-os às atividades didáticas.

Constatou-se que os objetivos nomeados deste trabalho foram alcançados, pois brevemente foram apontados fatos históricos e sua importância para a evolução do lúdico na

educação infantil, descrevendo a importância do brincar e/ou jogar na educação infantil, promovendo e debatendo o lúdico no fazer docente sempre buscando assegurar nossas ponderações com as afirmações e declarações de estudiosos da área.

O lúdico é uma engrenagem propulsora para uma educação de qualidade que tem a possibilidade de colocar em funcionamento habilidades inata e desenvolver as habilidades nata de um indivíduo, e nesse processo o docente (educador ou professor) deve desempenhar o papel de facilitador e/ou mediador, e assim, descobrir/aprender que o lúdico nos possibilita uma infinidade de inovações metodológicas. É preciso que o docente veja o lúdico como aliado do seu cotidiano profissional e que o mesmo possa ser executado de forma a agregar qualidade aos conteúdos; é de grande importância que o docente defina o real significado do lúdico perante sua formação acadêmica e principalmente na sua prática pedagógica em sala de aula.

Portanto nesta pesquisa evidenciamos a necessidade e importância em debater, investigar, pesquisar e analisar o papel do lúdico na educação infantil como na educação em geral. Assim, como em toda pesquisa, o tema demanda mais investigações, para que as possíveis lacunas deixadas pelo presente trabalho possam ser sanadas por pesquisadores da área e as falhas detectadas sejam averiguadas e contempladas em futuras pesquisas.

Por fim, pode-se dizer que é imprescindível reafirmar que a ludicidade na educação infantil dispõe de novos e eficazes meios para contribuir com o desenvolvimento da criança, em vários aspectos. É possível conquistar uma educação de qualidade com atividades simples, mas que são capazes de fazer a diferença quando elaboradas, pensadas e direcionadas.

REFERÊNCIAS

BARROS, Fabiana Pereira; MOREIRA, Jani Alves da Silva. **AS POLÍTICAS PARA O FINANCIAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA**. Maringá-PR, 2012. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/viewFile/18542/10222> Acessado em: 24 de nov de 2017.

BARROS, Juliana Nunes de; ROCHA, Margarete Maria da Silva. **MULHER, MÃE E PROFISSIONAL: UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE O REFLEXO DESSAS ESCOLHAS NO MODO DE SER MULHER**. Minas Gerais – MG, Disponível em: https://www.unilestemg.br/kaleidoscopio/artigos/volume2/MULHE_MAE_E_PROFISSIONAL_UMA_BREVE_DISCUSSAO_SOBRE_O_REFLEXO_DESSAS_ESCOLHAS_NO_MODO_DE_SER.pdf Acessado em: 01 de out de 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social*. Brasília: MEC/SEF, v.01 e 02.1998. 85p.

BOMTEMPO, Edda. **Brinquedo e Educação: na Escola e no Lar**. Instituto de Psicologia – USP, São Paulo-SP, Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v3n1/v3n1a07.pdf> Acessado em: 24 de out. de 2017.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.1-3v. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf> Acessado em: 12 de out. de 2017.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil — Volume 1**. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf> Acessado em: 20 de nov. de 2017.

CÂNDIDO, Maicon Douglas Barbosa; RODRIGUES, Maria Marta Nepomuceno; SILVA, Maria Rita da. **A REFORMA EDUCACIONAL DA AMÉRICA LATINA E CARIBE: ANÁLISE DOS MARCOS REGULATÓRIOS E IMPLICAÇÕES NA REFORMA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL**. Pau dos Ferros – RN, Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade_1datahora_30_09_2014_14_10_54_idinscrito_1076_d45d8285f6d129c772c02b304e7acc23.pdf Acessado em: 01 de out de 2017

CUNHA, Nylse **A Importância do Lúdico na Aprendizagem com o Auxílio dos Jogos**. artigos.netsaber.com.br/.../artigo_sobre_a_importancia... Autora: Monalisa Lisboa. (2001).

DIAS, Elaine. **A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2013/12/09/outros/2774a576f536917a99a29a6ec671de86.pdf> Acessado em: 01 de out de 2017.

FORTUNA, T. R. **Sala de aula é lugar de brincar?** In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.) *Planejamento em destaque: análises menos convencionais*. Porto Alegre: Mediação, 2000.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender: o resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna, 1996.

_____. **O brincar na educação infantil: Observação, adequação e inclusão** / Adriana Friedmann. – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Maria Mary. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PENA, Angela da Conceição; NEVES, Maria Augusta Lima das. **A importância das atividades lúdicas no universo da educação infantil.** Disponível em: <https://mariaaugustaclimadasneves.jusbrasil.com.br/artigos/111955220/a-importancia-das-atividades-ludicas-no-universo-da-educacao-infantil> Acessado em: 12 de out. de 2017.

RIBEIRO, Magda Meirelles. **Saber brincar.** Belo Horizonte: Dimensão, 1997.

ROSÁRIO, Maria José Aviz do. **A EDUCAÇÃO JESUÍTICA NO BRASIL COLÔNIA.** 2004. Disponível em: <http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT3.PDF> Acessado em: 20 de Dez. de 2017

SANTOS, Élia Amaral do Carmo. JESUS, Basiliano do Carmo de. **O LÚDICO NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.** 2010. Disponível em: http://need.unemat.br/4_forum/artigos/elia.pdf Acessado em: 12 de out. de 2017

SANTOS, Simone Cardoso dos. **A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM.** Santa Maria-RS, 2010. Disponível em: http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/393/Santos_Simone_Cardoso_dos.pdf?sequence=1 Acessado em 12 de out. de 2017.

SILVA, Francisco Marcos da ANDRADE, Lucas Henrique Pinheiro de. QUEIROZ Regiane Maria de. ALBUQUERQUE Maria Eugênia Morais de. **A IMPORTÂNCIA DA ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.** Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/setepe/trabalhos/Modalidade_1datahora_30_09_2014_10_49_32_idinscrito_8_ba7ea2bc101fcc3bd26fd09039ec37d3.pdf Acessado em: 17 de nov. de 2017

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola.** 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2007